

Ode

Arthur O'Shaughnessy

Nós somos os fazedores da música,
Somos o sonhador de sonhos
que vaga por rochedos solitários beira mar,
E senta-se aos pés de riachos desolados;
Perdedores de tudo e esquecidos pelo mundo,
a lua pálida brilha em nossa pele:
E assim somos os que agitam e movem
o mundo para sempre, parece.

Com maravilhosas cantigas imortais,
Construímos grandes cidades mundiais,
E contando uma fabulosa história
Dos reinos nós modelamos a glória:
Um homem com um sonho, quando sonha,
Seguirá adiante e conquistará uma coroa;
E três, com os versos de uma nova canção,
Podem pisotear um império ao chão.

Nós, encravados por eras
No passado sagrado da terra,
Nós construímos Nínive com nossos suspiros,
E a própria Babel com nossos risos;
E as derrubamos, profetizando sobre
Suas ruínas o valor de um novo mundo;
Pois cada época é um sonho que morre,
Ou outro que já está nascendo.

Um sopro da nossa inspiração,
É a vida de cada geração.
Uma coisa maravilhosa os nossos sonhos,
Sobrenatural, parecendo impossível -
O soldado, o rei e o camponês
Trabalham juntos sem parar,
Até nosso sonho tornar-se presente
E o trabalho deles no mundo acabar.

Eles não tiveram uma utópica visão
Da singela casa que constroem.
Eles não tiveram a divina revelação
Da terra prometida aonde vão:
Porém na alma de um só homem brilhou
Uma luz que não se apaga nem some
E seu olhar, ou palavras que falou,
Marcou a fogo os corações de outros homens.

Por isto o dia de hoje é emocionante,
Com o passado enfim se acabando.
E as multidões engajadas
Na promessa que seus pais rejeitaram,
E, desprezando o sonho do amanhã,
Tentam realizar, como podem,
Por sua alegria ou sua tristeza, no mundo
O sonho que foi desprezado no passado.

Mas nós, a sonhar e a cantar,
Incansáveis e indomáveis nós somos!
Agarrando a glória que está perto
Do glorioso futuro que avistamos,
Nossas almas tocam divinos sons;
Ó homens! É mesmo preciso que nós,
Em nossas canções e quimeras, vivamos
Um pouco distante de vós.

Porque estamos ao longe com o alvorecer
E com os sóis ainda não surgidos
E de dentro da manhã infinita
Vocês nos ouvem gritar intrépidos -
Pois, apesar do desprezo dos homens,
O futuro que Deus traz está próximo
Outra vez, e diante de nós já está o aviso
que vosso passado deve morrer.

Tempestade! nós gritamos pelos cais
Da praia deslumbrante e desconhecida;
Traga mais perto de nós seu sol e seus verões,
E renove nosso mundo como em outras eras;
Ensina-nos as novas notas da sua canção,
E tudo o que não sonhamos antes;
Vem! apesar de um sonhador que dorme apenas,
E um cantor que não canta mais.

[tradução livre, por: Denir Mendes Miranda]